

ALFAGUARA



# Manuel Vilas

## Nós

Tradução de Guilherme Pires



*À Ana*

---

Nós,  
que nos amamos tanto,  
temos de separar-nos,  
não me pergunte mais nada.

LOS PANCHOS

Pouco sabíamos sobre a vida dos anjos. Julgávamos que eram criaturas inventadas, mas não são. Os anjos existem, talvez discretamente. São homens e mulheres que passam por este mundo sem outro objetivo que não o amor.

São esperançosos, sim.

Mas são também mortais e vulgares.

De uma vulgaridade excepcional.

O facto de os anjos existirem é uma extraordinária notícia para o mundo.

Trazem beleza a este planeta.

Um desses anjos chama-se Irene, e a sua história começa na página seguinte.

## A namorada do vento

Contemplava uma nova face da vida: testa e lábios e maçãs do rosto e novos olhos de vida, e um sol radiante que iluminava tudo.

Sentia-se como uma árvore, uma enorme árvore que, depois da passagem de um furacão, descobre novas raízes, grandes, fortes, raízes escondidas, força recém-descoberta. E essa força estivera sempre lá, à espera de ser chamada.

Apesar de ter passado a semana inteira sozinha, Irene nunca se sentira tão entusiasmada como naqueles últimos dias. Acabava de fazer cinquenta anos, tinha assinado um pacto muito vantajoso com o seu corpo e avistara uma nova fronteira longe da sua alma, um novo país para onde viajar com tanto entusiasmo quanto raiva.

Raiva, sim, uma raiva redonda como a lua.

Quando enviuvou, trespassou a loja de mobiliário, que tinha sido o grande negócio e ofício do marido, e decidiu descansar. Deixou os empregados numa boa posição financeira e depositou muito dinheiro na sua conta bancária. Porque Marce, o falecido marido, lhe dera essa tarefa: que os nossos empregados sejam felizes, eles são a nossa gente, os nossos irmãos e irmãs.

Era assim que ele falava, recorria àquela linguagem tão estranha, porque chamar *irmãos* aos empregados era uma daquelas coisas típicas de Marce, uma das suas

formas peculiares de ver o mundo, porque, se não transformasse o mundo, se não o embelezasse, não conseguia ser feliz.

Irene possuía agora dois apartamentos em Madrid, um central, no Barrio de las Letras, de sessenta metros quadrados, e outro próximo de Chamartín, um apartamento de luxo de duzentos e cinquenta metros quadrados, um décimo quinto andar com terraço e dois lugares de estacionamento. O que mais lhes agradava era a altura, um último andar, não havia ninguém por cima deles. Em Madrid, não é comum construir-se edifícios altos.

Marce sempre lamentou essa carência.

Queria viver no alto, perto das nuvens, como os novaiorquinos.

Não encontraram nenhum edifício mais alto que lhes agradasse e conformaram-se com aquele décimo quinto andar, que era bastante estimável. Marce adorava a Torre Picasso, mas nela só existiam escritórios de grandes empresas. Do décimo quinto andar podiam, pelo menos, ver o horizonte.

Tomavam o pequeno-almoço no terraço e observavam a lonjura, embora sentissem sempre a falta de pelo menos mais vinte metros de altura, como se quisessem fugir do chão, sair de Madrid, a caminho das nuvens.

Fugir do chão era uma forma de pensar, uma filosofia.

Muitas vezes, quando acabavam de beber o café com leite, ficam ambos a olhar para o céu. Nas redondezas não havia nenhuma casa mais alta do que a deles, à sua frente tinham apenas espaço aberto, e neste preciso momento Irene lembra-se da desilusão de Marce por não ter conseguido encontrar um arranha-céus para poder viver no vigésimo oitavo andar, longe da realidade das ruas e dos

automóveis e das regras de trânsito e dos semáforos, ao lado dos pássaros, das aves que voam tão alto, dentro das nuvens, porque as nuvens podiam ter sido a sua casa.

«Não existem arranha-céus em Madrid», ouviu tantas vezes essa cantilena, porque dentro desse lamento pulsava uma forma de desobediência arquitetónica muito própria de Marce. E por vezes sentiram-se tentados a ir viver para Benidorm, porque por lá, sim, havia arranha-céus. As suas palavras ressoavam: «Pensemos assim, se acabarmos por ir viver para Benidorm, que será do nosso *glamour*?» E ouvia o riso dele.

O apartamento amplo e luxuoso de Chamartín fora a sua casa de sempre, a que partilhara com o marido nos últimos vinte anos, muitos anos, ah, demasiados anos, Irene, talvez não tenham sido assim tantos, diz para si mesma, mas Irene mede o tempo à sua maneira.

Quem impôs a medição do tempo?

Porque é que o tempo deve ser medido segundo as determinações dos governos, das sociedades, das leis, da história? É possível libertar o tempo? Onde para uns houve cem dias, para outros houve cem anos.

Superstição após superstição, as sociedades decretam leis.

Vendeu esse apartamento e, com o que lhe pagaram, juntamente com o trespasse da loja, mais o que herdara após a morte do seu Marce, que foi muito, amealhou uma pequena fortuna que nunca deixou de a espantar.

Sempre que contemplava a quantidade de euros que possuía, sentia-se furiosa e confusa ao mesmo tempo, porque naqueles números se resumia toda a sua vida, aqueles números continham uma convicção aritmética que faria inveja a muita gente.

Mas ele não estava presente, daí a fúria, daí a escuridão da sua alma.

Se ele não estava com ela, porque estava todo aquele dinheiro? Era uma pergunta estúpida, mas as perguntas estúpidas são muitas vezes as melhores e as mais certas.

Sentia-se tentada a ir aos bancos e pedir que lhe deixassem ver o seu dinheiro, já que não podia vê-lo a ele, e passar algum tempo perto daquelas centenas de notas, que no fundo não passavam de símbolos, metáforas, ilusões.

Aqueles símbolos, no entanto, podem transformar-se em coisas, e aí residia o milagre, o velho milagre da transformação dos símbolos em pedra, em tijolos, em terra, em rodas, em casas, em automóveis, em aviões, em mansões, em comida, em centenas de quilos de alimentos, numa legião de vacas, numa legião de viveiros de peixe, numa legião de seres humanos ao seu serviço.

Aqueles símbolos podiam transformar-se sobretudo em mobiliário.

É por isso que tinham uma loja de móveis, porque estes são mais reais do que muitas histórias de amor. Os móveis permanecem quando o amor desaparece. De muitos casais separados resta quase sempre apenas a mobília: armários, camas, mesas, cadeiras, mesas de cabeceira, prateleiras, estantes e móveis para livros, cómodas, mesas de canto. Marce emocionava-se com as mesas de cabeceira; dizia que uma mesa de cabeceira num quarto era uma defesa contra a escuridão da noite. No quarto dos fundos colecionava mesas de cabeceira antigas, de todas as épocas. Tinha uma devoção quase sobrenatural por elas.

Irene foi viver para o pequeno apartamento no Barrio de las Letras, que arrendara até há poucos meses. Contratou quem pintasse as paredes, reparasse a canalização

e substituísse os eletrodomésticos, montasse uma casa de banho completamente nova, derrubasse uma parede divisória, mudasse os caixilhos das janelas, uma renovação de cinco semanas. Esteve presente quando dois pedreiros demoliram a parede, que tinha cerca de oitenta anos. Olhou para aqueles tijolos velhos, que iriam diretamente para um dos locais de que a Câmara Municipal de Madrid dispõe para a deposição de entulho.

Tijolos que viram e ouviram tantas coisas, derradeiros testemunhos de velhas famílias que protegeram dos elementos.

Tijolos, fósseis da vida familiar.

Pegou num deles e beijou-o.

E atirou-o para o contentor que os pedreiros ali tinham deixado.

Depois, passado algum tempo, perplexa, nervosa, voltou a procurar o tijolo e guardou-o na mala.

Mandou instalar os eletrodomésticos mais caros do mercado, os últimos modelos alemães, cuja principal virtude era a de cumprirem normas ecológicas que considerava tão misteriosas como respeitáveis. Quase desatou a rir quando lhe disseram que os eletrodomésticos mais caros eram os mais ecológicos. Na verdade, o riso por detrás do seu era o de Marce, porque Marce ter-se-ia rido de tal ironia.

Fez coincidir a entrega das chaves do apartamento de Chamartín com a sua mudança para o pequeno apartamento da rua de Santa Catalina.

O apartamento de Santa Catalina ficava no primeiro andar do edifício. Descera do décimo quinto andar de Chamartín até quase ao rés do chão.

Descera do céu para a terra.

Já não via as nuvens, agora via e ouvia as pessoas e os automóveis, o ruído dos bares. Reparava no reflexo dos candeeiros de rua quando caía a noite.

No dia em que começou a reforma, pôs o velho tijolo num lugar de destaque da casa, e aquele tijolo era um sobrevivente, amostra material da imaterialidade do tempo; tinha quase um valor místico, de uma religião desconhecida.

Depois da morte do marido, o seu amado Marcelo, o seu Marce, a vida de Irene sofrera mudanças frenéticas, a que muitas vezes nem sequer conseguia dar valor. Não tinham filhos. Por isso, não tinha ninguém perto de si. Apenas uma cunhada, Paola, irmã de Marce, que se casara com um americano e vivia numa cidade do centro-oeste; não pôde ir ao funeral por causa de um furacão e enviou uma coroa de flores através de uma loja *online* com uma carta repleta de lugares-comuns, escrita em espanhol misturado com italiano e um toque de inglês. Marce e Paola eram italianos, nascidos em Roma, tendo pai espanhol.

Havia também o pai e a irmã de Irene, com quem tinha uma relação distante, embora gostasse muito deles. Sempre se preocuparam com ela.

Meditou sobre a solidão que então sentia. Tinha razões para se entregar à tristeza, mas Marce não o permitiria. Marce disse-lhe que estivesse perto do sol, sempre iluminada pelo sol. O marido adorava o sol, e ela acabou por adorá-lo também: de certo modo, o casamento deles era um filho do sol.

Também se sentia admirada por o apartamento de Santa Catalina ser tão cuidado, tão agradável, embora estivesse tão perto da terra e dos seus ruídos. Viveram nele

enquanto recém-casados. Foi a primeira compra que ela e Marce fizeram juntos antes de subirem às nuvens do décimo quinto andar de Chamartín.

Às vezes quase chorava, ou assim lhe parecia, lembrando-se de como tinha amado o seu Marce, e não conseguia compreender bem o que tinha ocorrido, como se haviam precipitado tantos acontecimentos na sua vida, e chegou mesmo a rezear o seu próprio desaparecimento, a sua própria morte. Mas, invariavelmente, acordava todas as manhãs, preparava o pequeno-almoço e pouco a pouco foi regressando ao culto do sol, tornou a apreciar a luz que entrava pela cozinha, o café acabado de fazer e as torradas com mel.

Apetecia-lhe dizer à morte: «Não quero saber de ti, és insignificante para mim, não te tenho medo nem nada que se pareça, não sinto nada diante de ti, nem sequer acredito que existas.»

Irene sacudia a sua consciência, os seus pensamentos, enlameava-se em conjeturas que acabavam em sarcasmo e raiva.

«Está frio, mas podemos tomar o pequeno-almoço no terraço porque o sol brilha»; tornava a ouvir essa frase, agora já desaparecida, a frase dos invernos, a frase que Marce dizia, a frase que dava sentido à vida.

«O sol brilha», isso bastava. Afirmar que o sol brilhava. E iam para o terraço tomar o pequeno-almoço, beijavam-se e sorriam um para o outro.

Uma manhã, faz um cálculo aproximado (tinha boas qualidades de contabilidade, conhecimentos que lhe deram muito dinheiro na vida, ajudando Marce na loja de móveis) e percebeu que tinha riqueza suficiente para viver mais de dez anos, mesmo quinze, ou vinte, como uma rainha.

Compreendia que a morte impunha não só o fim de tudo, o fim do casamento mais encantador do universo, pois era isso que pensava dos anos que vivera com Marce, mas também a falta de sentido das contas bancárias, uma vez que já não poderiam gastar dinheiro juntos.

A irrealidade da morte e a irrealidade do dinheiro uniam-se.

A falta de consistência.

A falta de gravidade.

Marce era um sistema gravitacional.

Os sistemas gravitacionais são a vida.

Talvez não houvesse fim para o que tinha um carácter mágico, porque a sua paixão amorosa continuava ali, permanecia em todo o lado. E o dinheiro que haviam acumulado também lá estava. Marce tinha desaparecido, mas o dinheiro deles ficara.

Não quer recordar aquele momento, o momento em que Marce morreu.

Viu-o morrer?

Viu-o morrer, verdadeiramente?

Será a morte visível? Tornar-se-á visível quando chega?

Para esquecer esse momento, o momento da morte dele, recorre a uma panaceia disparatada. Pensa na sua própria morte, revelada numa dimensão desconhecida: uma vez morta, não podes dispor do teu dinheiro. E o teu dinheiro passa para as mãos de estranhos, incapazes de dar valor ao esforço que te foi necessário para o ganhar.

O dinheiro, com a morte de quem o soube obter, perdia a sua identidade, tornava-se de novo algo informe e despersonalizado.

O marido tinha partido, e as suas mãos não podiam tocar o corpo do seu Marce como o tocaram durante vinte

anos, e ela não conseguia viver sem ele, mas tinha-lhe prometido que o faria, porque antes de morrer lhe mostrara o lugar, o castelo secreto.

Irene pensou que nunca mais sentiria qualquer tipo de necessidade sexual, e viu nesse pensamento uma espécie de fidelidade a Marce que lhe dava estabilidade e lhe devolvia uma certeza frágil, mais um desejo de segurança do que uma certeza. Tal pensamento deixava-a com medo e desesperada.

No entanto, de manhã, depois do pequeno-almoço, meditava sobre o que seria da sua vida e se alguma vez tornaria a amar. Fazia-o quase furtivamente. Porque Marce ainda ali estava, com as suas mãos grandes, os seus olhos verdes, a sua bondade e o seu sorriso pacificador.

O coração dela era um lugar confuso, saltava do pânico para a esperança. Pensou que o mesmo acontece a muitos seres humanos quando chegam aos cinquenta anos, porque antes disso não se consegue ver o percurso do rio da vida.

De onde Marce estava, continuava a sujeitá-la a um furacão de sonhos, de perguntas, de inquietações sem nome.

Ela queria que fosse assim.

A vontade de Irene construía as coisas.

A sua vontade.

O seu prazer.

Quando acordou, os seus pensamentos saltavam de Marce para o mar, para a necessidade repentina de ver o mar. Como se o fantasma de Marce tivesse entrado no mar e ali houvesse construído um refúgio.

Não tenho de prestar contas a ninguém por nada, disse a si própria numa dessas manhãs, sou completamente livre para fazer o que quiser, não tenho de estar aqui.

Numa alegria e excitação completamente inesperadas, abriu o armário, tirou a mala de tamanho médio e pôs lá dentro vestidos, blusas, roupa interior, duas camisolas, o *nécessaire*, um pequeno arsenal dos seus perfumes preferidos, os cremes, os pós de maquilhagem, os pincéis, o delineador de lábios e algumas outras coisas escolhidas ao sabor do momento.

Entrou num táxi de modo teatral, olhou para a porta de casa como se estivesse de partida há muito tempo e disse ao taxista que a levasse à estação de Atocha, onde comprou um bilhete de primeira classe para Málaga. Há sempre lugares de primeira classe, pensou Irene.

Deram-lhe um almoço muito esmerado.

Bochecha de vitela com vinho Somontano.

Incluía um pãozinho e manteiga.

A visão da porção de manteiga entristeceu-a, nem o pão nem a manteiga tinham grande encanto, por isso limitou-se a beber o vinho.

Durante a viagem foi pesquisando no telemóvel várias opções de alojamento naquela cidade, até que se decidiu pelo hotel Málaga Palacio. Telefonou, forneceu os dados do seu cartão de crédito e fez a reserva para três noites.

Málaga recebeu-a com um tempo cálido e um sol poderoso, típico do início do mês de junho, que iluminava as ruas, a vida, as casas, sem estragar nada. Deram-lhe o quarto 1115 porque insistiu em pedir um andar alto.

Entrou no quarto e dirigiu-se depressa para a varanda. Viu o mar na lonjura, com uma luz que o transformava numa lâmina prateada, numa parede caída, e algo na sua

alma se eriçou, como se de repente soubesse que acertara ao ir ali, como se tivesse entrado num espaço mágico onde podia abandonar-se sem medo.

Este mar não tem outro propósito além de me dar alegria, pensou Irene.

Curar-me os olhos, sentenciou.

Sentiu o ar húmido, e naquela humidade havia uma mistura de êxtase e desordem. As madeixas do seu cabelo começaram a encaracolar-se, como se se tornassem esponjosas, e o seu tom loiro ficou mais intenso. A humidade era exuberante, mas também pegajosa e desagradável.

Não era perfeita, a humidade era outra imperfeição do mundo, e, ainda assim, embriagava-a, excitava-a, assustava-a.

Marce costumava dizer-lhe isto, que o mundo estava repleto de imperfeições, mas que tais imperfeições não tocam os namorados. Agora, ela estava sozinha, e aquela imperfeição assustava-a.

Porque na companhia de Marce nada a desanimava. Porque Marce afastava a maldade das coisas, enxotava a maldade para que ela se sentisse protegida, de bem com a vida.

O amor torna invisíveis a infâmia e a maldade do mundo.

Observou o quarto e em tudo viu bom gosto e harmonia; isso serenou-a. Sentiu-se bem ali, contemplando a luz e sentindo a brisa que entrava pela varanda. Não era brisa, era vento. Olhava para o céu e cegava. Julgava ter encontrado um lugar prodigioso. O seu ruidoso e pequeno apartamento de Madrid desvaneceu-se-lhe da memória. Como se estivesse a nascer outra vez.

Será o efeito deste mar. Ou não, não é o mar, é a luz, é sempre a luz que cai sobre as coisas, a luz engana-nos,

faz-nos acreditar que as coisas são as protagonistas, mas a figura principal é ela, a luz, porque o que existe é a luz e não as coisas, e a vida é estar sob a luz, pensou.

E a sede de plenitude tocava-lhe de raspão na alma, e essa sede transformava-se em frustração. Estava sozinha no mundo. Ninguém lhe interessava.

E esse *ninguém* transformou-se em liberdade absoluta. Mas a sede permanecia ali.

Ele acalmava-lhe a sede, e agora a sede estava desenfreada. Marce sabia o que fazer com aquelas ânsias inquietas de plenitude.

Subiu ao último andar, onde se encontrava o restaurante, para jantar. Como o tempo estava excelente, escolheu uma mesa no terraço, junto da piscina, onde alguns adolescentes se banhavam, mas a água estava fria, por isso não resistiam muito tempo. Riam-se e divertiam-se e desenhavam um espaço futuro onde as suas existências resplandeciam, porque tinham a vida toda pela frente.

Eles não sabem que têm a vida toda pela frente, pensou Irene. Sabemo-lo quando já não a temos diante de nós, e nesse momento enfurecemo-nos, ficamos ansiosos, mas a mim e ao Marce não nos aconteceu tal coisa, porque isto só acontece se não estivermos apaixonados, é isso mesmo, e precisamos das pessoas, porque são as pessoas que acabam por nos dizer que já não temos a vida toda pela frente, porque como é que conseguimos saber que já não temos a vida toda pela frente, se as pessoas não no-lo dizem, se aquilo a que chamamos os outros, a sociedade, a civilização, os países, as leis, a realidade, não nos diz essa verdade; bom, uma construção possível da realidade, porque há outras, escondidas, há outras, as que conseguimos criar com a força da nossa vontade, se a tivermos, se formos capazes,

e para quem é capaz não há prémio; bem, há qualquer coisa, de facto há, um pouco, um pouquinho de liberdade, também de ódio ou de raiva.

Pedi vinho branco e polvo grelhado a um empregado de pele escura e cabelo preto. Viu-lhe as mãos a aproximar-se do prato. Teria mulher, família? Onde? Que tipo de família, de mulher ou de casa conseguiria pagar com o salário de empregado de mesa?

Sem Marce, o mundo era agora uma catadupa de milhões de perguntas hostis.

Irene vestia uma saia negra, justa. E uma blusa branca, transparente. A luz da noite, a proximidade do mar, o terraço, a piscina ao seu lado transportavam-na para um arrebatamento da vida, uma certa plenitude duvidosa, tão benigna quanto maligna. Escolhera para aquela ocasião o *Iris Porcelana*, um perfume que servia tanto para homens como para mulheres, um perfume a violetas. A humidade continuava a inquietá-la, provocando nela sensações extremas. Por um lado, estava feliz; por outro, via tantas coisas em seu redor que clamavam pela sua atenção que tal clamor a deixava indisposta; foi então que viu um homem que acabava de chegar ao restaurante. Fixou-se nesse acontecimento, como se o facto de se fixar nele com tanta curiosidade e desejo estivesse previsto de antemão, como se tivesse demorado séculos a concretizar-se.

Ficou a pensar se a aparição daquele homem seria um milagre, se continuaria a existir tal coisa como o sobrenatural, porque a vida que tivera com o marido fora mágica.

Foi uma dessas mulheres que diziam «o meu marido», e não «o meu companheiro», e, quando dizia «o meu marido», não só nomeava o amor, como também uma forma remota da firmeza, dos estados sólidos, que de imediato expulsava

ou derrotava qualquer tentativa de outro homem aceder à sua intimidade.

Agora, não era isso que queria.

Continuou a contemplar o recém-chegado com insolência. Talvez fosse possível ver Marce no corpo de outro homem, e compreendeu que a existência se recompõe a cada instante, num misto imoral de esquecimento e renascimento.

E vibrou, a sua alma vibrou com uma alegria feroz que a extasiava cuja origem era o homem que tinha à sua frente, com quem não trocara uma única palavra, nem sequer lhe conhecia o tom da voz. Simplesmente olhava para ele.

Enquanto o observava, ia formando frases nos pensamentos; de súbito, cogitou o seguinte: se a vida quer deixar o meu corpo, o problema é dela, se é capaz de uma tal estupidez, a tontice é dela, não consigo conceber maior estupidez do que essa. Acho ridículo que a vida diga: «Vou abandonar o teu corpo.» Seja como for, não é da minha conta. Talvez nunca ninguém tenha enfrentado a morte deste modo. Deixar de viver não me interessa porque isso, de certa forma, é impossível.

Portanto, se eu morrer, o que veremos se acontece, o problema será da vida, não meu.

Vida, se abandonares o meu corpo, és tu que perdes, não eu.

Todo este turbilhão de pensamentos nasceu da contemplação daquele homem que ela não conseguia parar de observar. Do corpo dele emanava um feitiço, um camião, uma força. Os olhos daquele homem, a pele, o cabelo.

O cabelo era importante.

Caía-lhe sobre a testa uma franja que lhe adornava o rosto, como uma cortina de teatro.

Ela queria tocar naquela franja.

Continuou a olhar para o homem, quase descaradamente: o modo como desenrolou o guardanapo, as mãos a manusearem os talheres, o vinho branco no copo, a sua camisa azul, o colarinho fino dessa camisa, que parecia bem engomada, o telemóvel à sua direita, a forma como sorria para o empregado, como os lábios se entreabriam, até conseguiu ver-lhe os dentes, brancos, proporcionados.

Os seus olhares cruzaram-se várias vezes, tudo justificado pelos acidentes fortuitos que acontecem no restaurante de um hotel de quatro estrelas.

Irene apercebeu-se da estupidez de ter escolhido um hotel de quatro estrelas, porque as suas finanças permitiam hotéis de cinco estrelas, hotéis de luxo, chegara a altura de o luxo lhe invadir a vida. Mas era o dinheiro de Marce, bom, o dinheiro dos dois, e ela sentia-se culpada por gastar todas aquelas poupanças sozinha. O dinheiro estava em dois bancos, agora só em seu nome. Era todo dela. Um consultor do Banco Santander dissera-lhe para investir em produtos de risco moderado. Testou-a cuidadosamente para lhe identificar o perfil financeiro. Se conhecia os mercados, o nível de educação, questões desse tipo. Os bancos são obrigados a fazer estes testes, que são quase como análises de saúde, como exames médicos. E o seu perfil era o de uma investidora moderada.

Gostava que houvesse hotéis de seis estrelas. De sete, oito, quinze, como os quinze andares do apartamento de Chamartín.

Antes disso do que o perfil moderado.

Sabia porque é que o resultado do teste do Banco Santander indicara o perfil de uma investidora moderada, assumindo pouco risco, mas aspirando a ganhar alguma coisa.

Tornou a olhar para o homem.

Estavam a jantar ao mesmo tempo, era absurdo.

Calculou que ele teria mais ou menos a sua idade.

Talvez fosse mais novo.

Sim, talvez cinco anos mais novo do que ela: a ideia excitou-a.

Esperou que servissem o primeiro prato para ter a certeza de que o homem não estava à espera de alguém, não estava à espera de uma mulher.

Levantou-se e dirigiu-se para a mesa dele.

E pôs-se diante do homem.

Ele levantou os olhos, surpreendido, e ficou a olhar para ela com ar interrogativo.

— Conhecemo-nos? — perguntou a Irene, com um sorriso e uma esperança nesse sorriso.

Ela precisava de lhe ouvir a voz, que lhe soou harmoniosa, uma voz que se adequava à sua presença física. Não a desiludiu, muito pelo contrário. Porque as vozes dos seres humanos são importantes. Há corpos belos que albergam vozes ridículas. Há vozes bonitas que vivem em corpos ridículos.

— Não, julgo que não nos conhecemos. Eu estava a jantar sozinha e vi que o senhor também estava a jantar sozinho.

Então, o homem levantou-se e, por fim, Irene pôde ver-lhe a estatura e os olhos, que eram azuis e transpareciam um ar melancólico.

— Chamo-me Julio e, por favor, trata-me por tu.

— O meu quarto é o número 1115 — disse Irene, marcando a fonética dos números para que ficassem gravados na memória dele como uma senha.

Fitou-o nos olhos e foi-se embora.

Aquilo tinha sido maravilhoso, uma dança de quatro sílabas: onze quinze. Quatro sílabas impetuosas, ferozes.

Assinou o papel para que lhe entregassem o jantar no quarto, por isso teve de repetir o número, desta vez de forma rotineira, sem a ênfase do desejo.

E desapareceu do restaurante, com o coração a palpitar intensamente, deixando um rasto de fogo e arrogância, os olhos a brilhar como facas dentro do elevador, com as mãos nervosas, que não conseguiam tirar o cartão eletrônico para abrir a porta, com a mente em incêndio, pensando nas consequências da sua ousadia.

O cartão eletrônico parecia-lhe dissonante, vulgar, para quê aqueles cartões de plástico: depois de ter interpretado com tanta altivez a cena do número do quarto, aquele cartão desmerecia tudo aquilo.

Não era ela que lhe falhava por circunstâncias da vida, mas sim aquele estúpido sistema de chaves eletrônicas que todos os hotéis usam.

Deveriam ter-lhe dado uma chave dourada, com ornamentos, um porta-chaves bonito, onde estivessem gravadas as iniciais do hotel.

Entrou no quarto e pareceu-lhe gelado.

Não vou deixar de fazer o que quiser no tempo que ainda tenho para viver, sussurrou Irene para si mesma, numa tentativa de ganhar confiança quanto ao que acabava de decidir, e o sussurro deu-lhe um poder tão estranho quanto inexplicável.

Não conhecia a densidade da selva em que estava a entrar, mas guiava-a um impulso irreprimível; tão-pouco sabia o que estava na origem dos seus pensamentos desordenados, nem quem.

Foi à casa de banho, olhou-se ao espelho e viu-se bonita, suficientemente bonita, suficientemente viva, não importava se aquele homem viesse ou não, era a sua ousadia que lhe dava um poderoso sentido de vida e lhe inebriava o coração.

Gostou de si própria.

Desejou-se a si mesma.

Parecia um anjo a bater as asas no centro de um quarto de hotel.

Perfumou-se.

Misturou perfumes.

Juntou *Chanel N.º 5* ao *Iris Porcelana*.

Zangou-se consigo mesma.

Queria que todos os perfumes da terra lhe escorressem pelo corpo.

Isto não se faz, Irene, como é que pudeste fazer uma coisa destas a ti própria, só as mulheres desequilibradas fazem tal coisa.

Não se misturam perfumes.

Não se mistura a noite com o dia.

Ajeitou o decote.

Imaginou-se nua diante daquele desconhecido.

Corrigiu a maquilhagem, palpou os seios, aquelas duas materialidades de carne que lhe definiam a identidade biológica, aqueles dois cavalos brancos que oferecera sempre ao mesmo homem.

Cavalos brancos, Irene?

Um só homem, Irene?

És uma idiota.

De súbito, regressou a memória de Marce, que obrigou a sentar-se num quarto dos fundos do seu coração.

Fica aqui, querido, meu grande amor, eu guardo-te lá dentro, mas já não és um corpo, espera aqui, neste quarto das traseiras, já não és um corpo, Marce, ninguém sabe o que és, mas continuo apaixonada por ti, continuo a precisar de ti, e a necessidade é mais importante do que o amor; a necessidade é real; o amor é um adorno da feia necessidade.

E Irene tremia, tentava perceber o que tinha de fazer agora e sobretudo queria saber quanto tempo teria de esperar. E então desceu sobre a sua alma uma avalanche de dúvidas, sensações e ideias de que não tinha consciência: como beijar um homem depois de vinte anos a beijar sempre o mesmo, como tocar um homem depois de vinte anos a tocar sempre o mesmo homem, como confiar num desconhecido depois de vinte anos a confiar no melhor dos homens.

O melhor dos homens?

Seria ela a melhor das mulheres?

Mas viu que estas perguntas constituíam também um triunfo da vida, uma queda no abismo da vida, e deu-se conta outra vez de que estava sozinha. No fim, essa era a única certeza: estava sozinha, porque Marce tinha partido para sempre, partira para aquele lugar, para a lua, para o céu, para o espaço profundo, para lado nenhum.

Mas quando é que ele partiu, Irene, quando.

A data, em que data desapareceu.

A noite estava lindíssima, havia um luar no céu que a queimava por dentro. A vida em tudo batia. A vida continuava a magoá-la. Mas não a Marce.

Nesse momento, ouviu-se o som de alguém a bater à porta, e no seu coração sentiu um aperto de alegria e de terror em simultâneo, as sensações a lutar uma contra a outra.

Sim, este homem veio, veio um homem, está ali um ser humano, disse Irene para si mesma, mas não sabia se estava de facto preparada para abrir a porta.

Em meros dois ou três segundos, a sua mente revolveu todas as hipóteses, tudo o que podia acontecer, se decidisse abrir a porta, porque também podia não abri-la.

E então o seu coração voltou a iluminar-se. Percebeu que era senhora do seu destino, absolutamente livre de fazer o que quisesse. Por outro lado, este homem que tinha batido à porta do seu quarto não era tão livre quanto ela, pois fora ela quem tudo decidira.

Ela controlava o mundo, os ventos, os oceanos, os astros, o bem, o mal, a luz, a escuridão, a vida e a morte.

Porque Marce lhe disse sempre isso: «A beleza da vida é tua, o lugar onde se suspendem o tempo, os anos, as décadas, os séculos.»

Marce, o seu amor.

Tornou a cair noutra abismo: todos os mistérios da vida se resumem a um único desejo, o desejo de continuar a viver, de continuar a guardar anseios no coração, e por isso soube que ia abrir a porta.

Nada disseram, não houve uma só palavra, porque ela não permitiu. Houve apenas um beijo imenso.

Um longo beijo, e a alma de Irene transformou-se em euforia.

Houve, no entanto, antes do beijo, um milésimo de segundo em que ela dominou o mundo e a vida, porque podia ter recusado aquele beijo, podia ter-se indignado, e aquele homem teria feito uma tremenda figura de parvo.

Saboreou esse segundo de glória.

A língua daquele estranho tocava a sua, os seus dentes e o seu paladar, mas que podiam significar todas aquelas ações da língua deste homem senão paixão?

Sentiu-se novamente abençoada, incendiada por dentro, um ser a quem a vida concede motivos de celebração, um ser a quem a vida oferece coisas bonitas, beijos e elogios. Um ser que de repente é visitado por uma felicidade desconhecida e o fim do tédio, ou do vazio.

Ah, o elogio.

Não conhecia esta felicidade, como é possível, Irene, como é possível que não a conhecesses, então há coisas na vida que ainda não conheces, vai atrás delas, sim, irei, e todas estas palavras se sucediam no seu coração.

«Quem és tu, Irene, quem és tu», dizia Julio enquanto lhe beijava as mãos.

Ela deixava-se adorar, na adoração sentia um vínculo com a vida que justificava a sua própria vida. Parecia que o tempo parava. Tudo fazia sentido. A vida ganhava velocidade. A mala, os sapatos, as cuecas, a camisa de Julio, a mesa do quarto, as toalhas da casa de banho, a escova de dentes, tudo fazia sentido, tudo abraçava a existência com razão. Deitaram-se exaustos na cama, a varanda aberta, pela qual soprava uma doce e errática brisa do mar.

A lua iluminava uma zona do quarto.

Irene observava os braços de Julio, e surgia no seu pensamento a pergunta, «quem és tu, Irene, quem és tu», à qual se acrescentava outra pergunta, o que estava ela a fazer ali.

Tratava-se de um acontecimento sobrenatural, um acontecimento que continuava a vibrar no coração de Irene. Quando estava a atingir a plenitude, antes de atravessar o orgasmo profundo, viu perante si a súbita aparição de uma

escadaria e começou a subi-la enquanto sentia o sangue a arder a cada investida de Julio, na língua e nos pés, porque aquele homem agarrava-lhe os pés e beijava-os e lambia-os com a sua língua quente, e, quando atingiu o orgasmo, viu-o a ele, no topo da escadaria, como se estivesse dentro de uma nuvem de cor amarela, um amarelo envolvente e infinito, ali estava ele, ali estava Marce, que sorriu e olhou para ela com uns olhos que pareciam observar o infinito, e a visão durou justamente o mesmo tempo do orgasmo.

Tinha voltado a vê-lo.

Sentiu a presença de árvores, pássaros, nuvens e uma confusão dos corpos celestes, que se tornavam corpos celestiais.

O sol deixou de ser o sol para ser a lua.

A lua deixou de ser a lua para ser o sol.

A matéria era uma superstição, seria assim?

Potências terrenas, potências supraterrrestres, vazio e passado, futuro e plenitude, presente e sexo.

Ali estava o senhor do seu delírio.

E ela, a senhora de todos os delírios.

A gravitação erótica de tudo quanto existe, o plano secreto da matéria, o Aleph, a feitiçaria incessante, os bruxos e as bruxas, a matéria, essa ordem, a carne, esse resultado da matéria.

Teve um orgasmo e durante o orgasmo viu o seu marido sair de entre os mortos, com o fato imaginário que vestia quando o sepultaram, viu-o levantar-se de entre milhões e milhões de mortos, ao cimo de uma escadaria, acenar-lhe com a mão estendida na névoa e dedicar-lhe um sorriso do tamanho do coração de uma andorinha anónima.

E desvanecer-se.  
Envolto em chamas.  
As chamas não lhe agradaram.  
Que faziam ali aquelas chamas?  
Aqueles chamas queimavam-lhe o corpo.

Julio era um homem com cerca de quarenta e cinco anos, de cabelo castanho, corpo atlético, um homem amável, risonho. Notava-se que era frequentador assíduo de ginásios, tinha músculos bem proporcionados, nem uma gota de gordura no abdómen. Mexia as mãos de um modo especial, elegante, harmonioso. Tinha um ligeiro sotaque andaluz e dedicava-se ao turismo, trabalhava para uma consultora internacional com sede em Maiorca. Estava em Málaga em trabalho. Visitara uns quantos apartamentos turísticos e teria de escrever um relatório.

— Todo o meu negócio e o meu trabalho — dizia com uma cerveja *Heineken* na mão, que tirara do minibar — se baseiam em estudar esse monstro que temos à nossa frente, o Mediterrâneo, que podemos ver desta varanda.

Saíram para a varanda juntos, meio despidos, e sentaram-se ali, em plena brisa de um décimo primeiro andar.

— Tenho frio, vou buscar um casaco — disse Irene.

A brisa era cada vez mais forte, viam-se as luzes do porto, e Irene ainda tremia, não de frio, mas de uma sensação de plenitude, porque voltara a vê-lo, porque não se tinha extinguido, porque estava em algum sítio do qual conseguira regressar.

Não se sentia assustada.

Também não era uma ilusão.

Estava fascinada, encantada.

De onde vem esta plenitude, perguntava-se, podia viciar-me nesta inesperada sensação e deixar-me devorar por ela, dizia a si mesma. Não é a plenitude de quando ele estava vivo, é outra, diferente, mas plenitude, ainda assim.

De onde vem este cume ao qual subi num minuto, interrogava-se.

A proximidade deste homem, as suas mãos, os seus olhos, por que motivo quando este homem olha para mim subo a lugares que não sabia que existiam, mas é apenas um homem, ou talvez seja mais do que um homem, muito mais do que isso, e se fosse um anjo?, um anjo de luz, para lá da sua condição de homem, para lá da minha condição de mulher, para lá da condição do real, para lá de tudo. Existe um lugar para lá de tudo? Não pode existir tal coisa, as pessoas concordam que essas coisas não existem. Talvez seja apenas isso: um homem a desejar um êxito amoroso, um engate, uma aventura. Um anjo? Meu Deus, é apenas um homem à caça.

Caçar não é tarefa de anjos, mas de sórdidos demónios.

Para lá dos temperamentos e papéis sociais distintos que tenhamos, somos apenas carne à espera de prazer, assim nos concebeu a natureza.

— Esta é a obsessão da Europa rica, vir aqui, contemplar este monstro de prazer chamado Mediterrâneo. — Com isto, Julio interrompeu as cogitações de Irene.

E nessas palavras, ela encontrou a que procurava, uma muito simples, na qual não reparara conscientemente: *prazer*.

— Dedico-me profissionalmente a procurar novos enclaves turísticos com vista para o Mediterrâneo — continuou Julio —, e gosto muito do que faço.

— Se te percebi bem — disse Irene —, o teu trabalho consiste em procurar terrenos junto ao mar onde as pessoas encontrem prazer.

— Exato, é isso mesmo. Investigo entardeceres, pores do sol, paisagens, muitas praias, praias em que gostaríamos de tomar banho, trilhos que levem a essas praias, trilhos com árvores, caminhos com palmeiras, com flores, com pássaros agradáveis, corvos nem pensar, sítios onde gostemos de estar, sítios que nos deem *prazer*, mas não podemos dizer essa palavra, usamos outras expressões, por exemplo, «Aqui, você e a sua família encontrarão um oásis de tranquilidade e natureza», coisas assim, trivialidades, mas não podemos recorrer à palavra *prazer*, porque continua a ser proibida. Em vez de *prazer*, usamos *paz*, ou *descanso*, ou *felicidade*, se subirmos o tom.

— Nem todas as praias são iguais, não é? — perguntou Irene.

— Não, não há duas praias iguais, não há duas ondas iguais, as praias são muito misteriosas, e por vezes tenho de tomar banho nas praias que investigo, e isto tem a sua piada, serve para saber se o mar é agradável, para perceber, por exemplo, se tem zonas fundas perto da beira-mar ou se temos de caminhar muito até a água nos chegar ao peito e podermos nadar em liberdade. Não imaginas a quantidade de veraneantes preguiçosos que existem no mundo, pessoas para quem é lixado ter de caminhar para que a água lhes chegue ao pescoço; também não gostam de perder o pé rapidamente porque isso lhes dá uma sensação de perigo, a perfeição é não ter de andar muito nem pouco, enfim, por exemplo, caminhar bastante e depois encontrar um promontório que te obriga a continuar a andar até que, de repente, a água te chega ao peito outra vez, catalogamos

esse tipo de praias como praias trapaceiras, desanimam o veraneante. O tamanho das ondas também conta, por vezes tenho de estar uma semana inteira ou até duas a investigar a praia, porque as praias mudam ao sabor dos ventos, e depois há o assunto delicado da transparência das águas, que é o rei deste negócio, e que não haja algas, e sobretudo medusas, mas a transparência das águas é o mais importante porque é disso que nasce a fama de uma praia. As medusas são veneno para a receita do meu negócio, mas não é possível espantá-las. Agora, em Los Angeles, há uma empresa prestes a descobrir uma onda ultrassónica que as afugenta. Quem me dera que essa onda lhes rebentasse o crânio. As medusas são detestáveis. Temos os mexilhões e os moluscos, tão maravilhosos e inocentes, mas também essas malditas, que dão cabo de tudo com as suas picadelas.

Riram-se, abraçaram-se, beijaram-se. Mas no fundo aquele riso magoava-a, porque era uma farsa. Era um ato social. Ela tinha de representar um papel. Não podia mostrar-se tal como era. Talvez não fosse nada ou ninguém para lá da convenção de risos em unísono. Rir com este homem era também uma outra forma de solidão.

— Não há duas praias iguais, não há dois amores iguais, não há dois corpos iguais — disse Irene.

— Por outro lado, as medusas e as algas são todas iguais, erros da natureza — disse Julio com ironia e soltou uma gargalhada.

Ficaram em silêncio, ambos conscientes de que eram dois estranhos. E esse desconhecimento estava a encarnar-se, como se uma ideia se pudesse materializar.

Julio beijou-a com ternura, tentando que o beijo dissipasse o facto de serem dois desconhecidos. Mas talvez a excitação se devesse precisamente a isso.

Irene, através daquele beijo, voltou a sentir alegria e percebeu que essa alegria se tornaria obsessão; não uma obsessão, mas um vício. Aquela alegria causar-lhe-ia um vício extremo. Porquê alegria? E depois sentiu-se estranha de si própria. Por que motivo estava a fazer tudo aquilo?

Por ele.

Ele.

Sempre ele.

Porque ele foi ela.

Porque ela reinou nele.

Marce.

E se não fosse assim, e se o fizesse só pelo prazer?

Não.

Estava a fazê-lo por ele.

Por Marce, porque o tinha visto no corpo de outro. Era magia. A magia existe. O amor tudo pode. «Amor constante, além da morte» era o soneto mais célebre da língua espanhola.

Irene sabia-o de cor, recitava-o mentalmente, como oração capaz de invocar algo sobre-humano:

*Fechar-me os olhos pode a derradeira  
sombra que me levará ao branco dia,  
e libertar minh'alma poderia  
do seu afã nesta hora lisonjeira;*

*mas na outra margem da ribeira  
não deixará a memória, aonde ardia:  
nadar sabe esta chama a água fria,  
e perder o respeito à lei severa.*

*Alma que para um deus prisão tem sido,  
veias que ânimo a tanto fogo hão dado,  
medulas que hão gloriosamente ardido:*

*seu corpo deixará, não seu cuidado;  
e serão cinza, mas terá sentido;  
e serão pó, mas pó enamorado.*

Ali estava escrita, ou melhor, anunciada, a vinda de Marce de entre os mortos, Quevedo viu-a, pensou Irene. Quevedo soube-o, sabia-o, deve tê-lo visto outras vezes. Conhecia o prodígio. Uma coisa destas não se inventa.

Irene, estás a delirar, é apenas um maldito soneto escrito há mil anos por um poeta feio e louco. E se calhar nem foi ele que o escreveu. Às tantas, escreveu-o uma mulher, amante do próprio Quevedo, se é que um homem tão feio como Quevedo pode ter tido uma amante.

— Deus salve Francisco de Quevedo — disse Irene em voz alta. Quevedo, aquelas três sílabas, e aquele soneto, tudo estava previsto há mais de quatrocentos anos. Porque Marce deixara o seu corpo, mas não o seu cuidado.

Exatamente.

E terá sentido.

A beleza daquele soneto estava a embriagá-la.

E voltou a ver o corpo nu de Julio.

Do soneto de Quevedo ao corpo de um homem na sua plenitude, as nádegas, os braços, as mãos, o cabelo revoltado.

Tudo se confundia na cabeça de Irene, os pensamentos corriam a toda a velocidade.

Os beijos que partilhavam e a vontade de conversar que Julio mostrava.

Não é alegria, essa palavra é demasiado genérica, disse a si própria. Não, a palavra certa é *pico*, isto é um pico cósmico, euforia, adrenalina, isto é a glória, isto é o ponto mais alto do mundo, que raio é isto, porque é que se supõe que eu devia estar a chorar pelos cantos da minha casa em Madrid, que devia estar morta de saudade, morta de dor, e no entanto estou morta de ânsia por que ele regresse por aquela porta que se abriu, porque abri uma porta e do outro lado está ele, porque não enlouqueci, simplesmente encontrei a porta.

Euforia, é isso.

E assim era, não estava morta de dor, nem tinha enlouquecido, não só o seu amor por Marce continuava forte e radiante à sua frente, como o guardara numa sala da sua alma que nem sequer sabia que existia.

— O Mediterrâneo faz milagres — disse Julio. — É um mar muito misterioso, daí o seu êxito. Qualquer outro mar é inútil. O Mediterrâneo é o chefe dos mares. O capitão-general. O imperador, qualquer coisa do género. Por outras palavras: o mestre absoluto. Acho que tem que ver com o sol. O sol incide sobre este mar de uma forma especial, que não acontece em nenhum outro lugar do planeta, e investigar isto é, aliás, um trabalho muito bem pago. Penso muitas vezes em qual será a singularidade deste mar, às vezes penso que tenho a resposta, mas outras não. Há uma coisa fundamental: a civilização. O Mediterrâneo é interessante porque a Grécia e Roma se fundaram nas suas margens, e isso acaba por ser fundamental. Pode haver mares melhores, mais bonitos, mais paradisíacos, como os mares tropicais, mas não têm Aristóteles, nem Homero, nem Platão, nem Aquiles, nem Virgílio. Um mar sem civilização ao seu lado perde interesse, porque é apenas natureza. À natureza

assentam muito bem a cultura, a arte e a filosofia, porque a melhoram. O prestígio é isso. Uma praia pode ser paradisíaca, mas, se não aparecer num romance ou num filme, não tem prestígio. Os gregos e os romanos são os fundadores do turismo de qualidade, da solvência cultural. Quando nos banhamos no Mediterrâneo, Aristóteles olha para nós. Quando nos banhamos nas Caraíbas, ninguém nos observa. Ou, vá, talvez nos observem os papagaios ou outro desses bichos estranhos da selva.

Ambos se riram ao mesmo tempo.

Uma explosão de riso em unísono.

A imagem de Aristóteles a ver turistas a tomar banho no mar era engraçada.

— Ser observada por um papagaio também não é mau — disse Irene.

— Prefiro ser observado por Aristóteles ou Platão — disse Julio.

— Então, e mulheres, quem escolherias?

— Cleópatra — respondeu Julio.

— Safo, a poeta grega — disse Irene.

A ideia de que investigar o Mediterrâneo era um trabalho bem pago gerava uma cumplicidade de que ambos precisavam, uma ligação ao mundo real.

Beijaram-se e abraçaram-se de novo. Não se abraça um desconhecido tão facilmente, talvez fosse por tal motivo que Julio insistia em falar, porque abraçar um desconhecido é como caminhar no abismo: que é que aquele homem me fará; será um homem bom ou será um demónio; é mais forte do que eu; poderia matar-me ou humilhar-me; mas eu também poderia gritar; não sei se desejo aquele abraço; assusta-me e assusta-o também; que o assuste é uma humilhação da sua alma, da sua coragem

perante mim; que me assuste é temperança e rigor; não quero que me abrace porque me deixa em pânico; gostaria de ser abraçada pela bondade e não por um homem; gostaria de ser abraçada pela minha mãe, mas isso já é impossível; se quero que alguém me abrace, devo aceitar esse abraço; a idade adulta é o tempo em que os abraços não se escolhem; aceitamos o primeiro que nos queira abraçar ou ficamos sem abraço, é a opção que temos, é o tempo e a vida; mas não há que lamentar; no fim de contas, é um abraço; e é impossível distinguir se nos abraça Deus ou o diabo enquanto não surgirem palavras ou atos além do próprio abraço.

Julio tinha teorias sobre o mar que Marce teria adorado. Mas e se fosse Marce quem falava pela sua boca? Tudo assenta no prodígio. Este desconhecido e Marce até poderiam ser filhos do mesmo homem e da mesma mulher, há cem mil anos.

Irene implorou a Julio que lhe contasse mais sobre o seu trabalho, porque, se o ouvisse falar, ressurgiria um sentido convencional das relações humanas, uma ordem, uma forma de respeito ou de educação.

Que fale, assim não penso em mim, espero que o que ele diga prenda toda a minha atenção, disse Irene a si própria.

— Quando comecei a dedicar-me a isto, os meus chefes mandaram-me para Acapulco, no México; queriam que eu investigasse o que se passava por lá no sector do turismo, que falasse com empresas mexicanas e diretores de hotéis. Bem, o facto é que me apercebi de algo que os meus chefes acharam muito divertido: disse-lhes que a sustentabilidade e o prazer eram insustentáveis, trocadilho intencional. Acapulco tem hotéis à beira-mar, arranha-céus

**Autor dos inesquecíveis *Em tudo havia beleza* e *E, de repente, a alegria*, e um dos maiores fenómenos da literatura europeia atual, Manuel Vilas regressa ao território do amor, numa história surpreendente e magistral: o encontro de uma mulher com o vazio da perda e o fantasma da perfeição.**

Irene acreditava ter vivido um casamento perfeito, ao longo dos anos de entrega total e paixão ardente entre si e Marcelo, o marido agora falecido. Viviam um para o outro, como se cada novo dia fosse o primeiro. Esta relação acabou por afastá-los da realidade que os rodeava. Com a perda e a dor do luto, o mundo de Irene desaba — até que ela descobre uma forma insólita de continuar a viver junto de Marcelo.

É esta forma de invocar o grande amor de uma vida que constitui o cerne desta fantasia literária, ao longo de cuja leitura compreendemos a força avassaladora da solidão. Um romance que explora os limites do sentimento amoroso e que empreende uma viagem às profundezas da alma de uma mulher presa numa utopia íntima e irreal — uma mulher tão apaixonada, que o seu amor parece ser capaz de enganar o tempo, o esquecimento e até a morte. *Nós* incorpora a singularidade e o estilo poético inconfundível de toda a obra literária de Manuel Vilas.



**«Manuel Vilas conjuga o confessionalismo mais desarmante com o desejo de fazer perdurar as vidas anónimas de gente pobre, para além da morte.»**

CARLOS VAZ MARQUES

**«Vibra, em Irene, um repto contra o tempo e contra a morte, uma vontade de superar a natureza e de celebrar a vida. Por tudo isto, ela arrisca aproximar-se do abismo.»**

*El Español*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora  
@ penguinlivros

ISBN 9789897871689



9 789897 871689 >